

Uma discussão sobre a produção de sentidos na leitura: entre Bakhtin e Vygotsky

A discussion on the meaning production in reading: between Bakhtin and Vygotsky

JULIANA ORMASTRONI CARVALHO SANTOS¹

RESUMO: Este artigo, interessado em discutir o processo de produção de sentidos em atividades de leitura, apresenta preceitos teóricos de Bakhtin e Vygotsky, estudiosos que, embora não tenham se voltado especificamente à questão da leitura, oferecem embasamento para analisá-la enquanto processo histórica e ideologicamente situado. Para atingir esse objetivo, com base nesses estudiosos, a linguagem é enfocada como um evento social, caracterizada pela historicidade dos sujeitos e pelo contexto imediato e conjuntural, pela contradição e pelo dialogismo. Abordamos também a importância do papel do outro como elemento central na constituição dos sujeitos e de sentidos, seja nas interações sociais em que acontecem os enunciados e se estabelecem relações de zona de desenvolvimento proximal (ZPD) ou no dialogismo e no caráter responsivo dos enunciados. Finalmente, apresentamos a leitura como um momento em que o sujeito-leitor resgata os sentidos já produzidos em outras situações e em que novos sentidos podem ser produzidos.

PALAVRAS-CHAVE: Sentidos; dialogismo e alteridade; zona de desenvolvimento proximal.

ABSTRACT: This article, concerning the discussion on the process of the meaning production in reading activities, presents Bakhtin's and Vygotsky's theoretical precepts, scholars

1. Graduada em Letras, com Mestrado em Educação, é doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na PUC-SP. É docente do curso de Letras e Pós-Graduação nas Faculdades Integradas Maria Imaculada, Mogi-Guaçu/SP. *E-mail:* juocs@bol.com.br.

who, although not specifically focused on reading issues, offer foundations to analyze it as a historical and ideologically situated process. To achieve this goal, based on these scholars, language is seen as a social event, characterized by the subjects' historicity and the immediate and short-time context, by contradiction and dialogism. We also analyze the other person's role as a central element in the constitution of subjects and meanings, whether in social interactions in which the statements happen and the ZPD relationships are established or in the dialogism and responsive nature of expressions. Finally, we present reading as a moment in which the reader rescues the meanings already produced in other situations and in which new meanings can be produced.

KEYWORDS: Meanings; dialogism and alterity; zone of proximal development.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva discutir a questão da leitura com base em Vygotsky (1991; 2001), Bakhtin (2011) e Bakhtin/Volochinov (1992) na produção de sentidos e significados, como uma proposta para repensar a organização de práticas didáticas de leitura em escolas de Educação Básica. Especificamente, aborda conceitos sobre a linguagem de ambos estudiosos como centrais para a compreensão de processo de produção de sentido na leitura. Está organizado de forma a apresentar pressupostos teóricos dos autores russos a fim de assegurar nossa sustentação sobre como acontece a produção de sentidos durante a leitura. Assim, inicialmente, apresentamos os conceitos bakhtinianos que nos auxiliarão a compreender o enunciado como uma corrente de elos que explica o dialogismo entre as vozes históricas, sociais e imediatas, bem como o caráter responsivo da linguagem. O papel do outro e sua relevância na constituição de sentidos também serão discutidos por meio dos conceitos de alteridade, exotopia e ZPD. Finalmente, seguem as considerações finais de modo a organizar tais discussões e relacioná-las ao nosso objetivo.

Iniciamos a partir da relação existente entre linguagem, atividade humana e cultura (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, BAKHTIN, 2011; VYGOTSKY, 1991), com base em Vygotsky e Bakhtin que, de acordo com Magalhães e Oliveira (2011), são teóricos que enfatizavam questões sociais e a centralidade da linguagem na constituição da consciência e no desenvolvimento humano, embora o primeiro tenha focado a linguagem sob o viés do desenvolvimento e da aprendizagem e o segundo, sob a filosofia da linguagem.

Vygotsky (1991), em seus estudos sobre aprendizagem e desenvolvimento, propõe uma perspectiva sócio-histórico-cultural em que o sujeito e a dimensão social são considerados na elaboração da consciência (funções psicológicas superiores). Para ele, a construção da consciência ocorre por meio das relações sociais nas quais ocorre a mediação por artefatos culturais, ou seja, a aprendizagem acontece por meio da relação do indivíduo com o ambiente cultural e com outros sujeitos, numa relação mediada por instrumentos culturais e entre os seres humanos e o ambiente. De acordo com a teoria vygotskyana, a linguagem é o recurso mediador central, de modo que permite ao homem criar instrumentos para a solução de tarefas, planejar e controlar seu comportamento. Nesse sentido, as palavras constituem um meio de contato social com outras pessoas e ampliam as funções cognitivas e comunicativas do ser humano. Smolka explica que, na teoria vygotskyana, os signos, dentre eles, a linguagem, constituem um instrumento cultural, por meio do qual são elaboradas novas formas de comportamento e pensamento, assim, a linguagem seria uma “atividade criadora e constitutiva de conhecimento e, por isso mesmo, transformadora” (SMOLKA, 2008, p.57).

Em direção similar à de Vygotsky, Bakhtin e Bakhtin/Volochinov compreendem que a realidade fundamental da linguagem é a atividade humana inter-relacionada à sociedade, na qual os indivíduos socialmente organizados são constituídos em relações sociais das quais participam de forma ativa e responsiva. O uso da língua efetivado em forma de enunciados concretos, “unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p.269), relaciona-se a diferentes situações comunicativas da vida, de forma que a língua integra a vida e constitui os sujeitos por meio dos enunciados que a realizam. Segundo Barros (1994), Bakhtin concebe o enunciado como matéria linguística e como contexto enunciativo e afirma ser o enunciado o objeto de estudos da linguagem. Ainda reforçando o viés social da linguagem, Brait (1994) esclarece que, para Bakhtin, o discurso é um evento social, fruto da interação entre os participantes do enunciado e os elementos históricos, sociais e linguísticos. Como se observa, o entendimento de ambos os pesquisadores sobre a linguagem, ao considerarem as interações entre os sujeitos, o contexto de recepção de obras e o dialogismo, embora não tenham focado a leitura, permite-nos compreender tal atividade como um processo dotado da possibilidade de produção de novos sentidos.

Nessa perspectiva, tomar o enunciado como unidade da comunicação discursiva implica superar a dicotomia entre falante/autor e ouvinte/leitor e a concepção cartesiana de que o enunciadador produz significado enquanto o interlocutor recebe-o

e compreende-o passivamente. Para fundamentar essa vertente, considera-se a linguagem como dialógica e portadora das relações de contradição próprias da atividade humana, situada sob a ótica do materialismo histórico-dialético, que enfoca “[...] os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram, como as que produziram pela sua própria ação” (MARX; ENGELS, 2007, p.17).

Entender a linguagem como dialógica, dialética e constitutiva do ser humano implica reconhecer o dialogismo, a alteridade e a exotopia como aspectos fundamentais “na constituição da subjetividade, ao possibilitar contradições que, ao criarem tensões e conflitos, contextualizam o questionamento de sentidos e a produção de novos significados” (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011, p.105) e que serão discutidos a seguir.

CONSTRUTOS BAKHTINIANOS: DIALOGISMO, EXOTOPIA E ALTERIDADE

Na perspectiva bakhtiniana, dialogismo e alteridade são conceitos centrais para a compreensão da linguagem sob uma concepção que concebe “[...] o *eu* e o *outro* como inseparavelmente ligados e tendo como elemento articulador a linguagem” (BRAIT, 1994, p.12). A palavra do outro é imprescindível na construção do ‘eu’, a linguagem é percebida a partir de uma concepção dialógica, uma vez que toda palavra comporta duas faces: de um lado, sempre procede de alguém e, de outro, dirige-se a alguém. Dessa forma, a palavra “[...] constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1992, p.113). O enunciado responde, ou seja, expressa a relação do falante com os enunciados do outro; traz em si uma série de palavras e enunciados precedentes do outro, de diferentes graus de alteridade, representado por ecos das alternâncias dos sujeitos e caracteriza-se por ser “*pleno de tonalidades dialógicas*” (BAKHTIN, 2011, p.298). Cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva, limitado e determinado pela alternância dos sujeitos do discurso.

Bakhtin toma como eixo norteador o conceito de diálogo e observa que

[...] a única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro

e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011, p.348).

Segundo a teoria bakhtiniana, o indivíduo, ao mesmo tempo em que negocia com seu interlocutor, recebe influências deste, as quais interferirão na estrutura e na organização do enunciado. O discurso verbal, fenômeno da comunicação cultural, só pode ser compreendido na situação social que o engendra (BRAIT, 1994). Nessa perspectiva em que o dialogismo presente nos enunciados está presente na natureza contextual da interação e no aspecto sociocultural dos contextos das interações, toda enunciação pode ser vista como um ato responsivo, ou seja, uma resposta suscitada pelo contexto.

Barros (1994) explica que o dialogismo decorre da interação verbal estabelecida entre o enunciador e o enunciatário, num espaço interacional entre o eu e o outro, que tem um papel na constituição do sentido. Em outras palavras, o pensamento bakhtiniano decorre do pressuposto de que o sujeito constitui-se à medida que se relaciona com o outro (BRAIT, 1994). Como consequência, Bakhtin deixa claro que não existe palavra própria, pois ela sempre traz a perspectiva de outra voz. A relação dialógica compreende, portanto, além da interação verbal entre os sujeitos, as relações de persuasão e de interpretação que envolvem sistemas de valores dos sujeitos, os quais contribuem para a construção dialógica do sentido. Os discursos e enunciados são plenos de palavras dos outros, com maior ou menor grau de alteridade, assimilaridade, aperceptibilidade e de relevância. As “[...] palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.” (BAKHTIN, 2011, p.295).

Como podemos perceber, a teoria bakhtiniana arquiteta-se sobre o dialogismo e a alteridade, numa relação em que “minha palavra precisa do outro para significar” (JOBIM e SOUZA, 2003, p.84). Lembramos que o outro não se refere a apenas outra pessoa, como explicita Figueiredo (2005): “O outro é tudo o que circunda o eu: o meio social em que vive, a história do indivíduo e a história de seu meio, os textos com os quais este indivíduo já teve contato, as várias vozes trazidas por esses textos, os textos com os quais ele ainda terá contato.” (FIGUEREIDO, 2005, p.12).

A alteridade constitutiva do enunciado pode ser melhor explicada pelo conceito bakhtiniano de *exotopia*: “[...] nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão

fora de mim” (BAKHTIN, 2011, p.21), ou seja, em todo sujeito há um excedente de visão explicado pelo fato de que cada indivíduo ocupa um lugar único e insubstituível no mundo e, por isso, contempla o outro de um lugar que o outro não pode ocupar, pois esse também se encontra em um lugar exclusivo. Isso proporciona uma percepção singular, um olhar único marcado não só pelo espaço e pelo tempo em que o sujeito se encontra, mas também pelas relações sociais que vivenciou e que os constituiu.

O olhar exotópico possibilita a compreensão ativa e produtiva, porque, do lugar que ocupa, o eu vê o outro em sua totalidade e vice-versa, de modo que ambos dependem um do outro para a compreensão, uma vez que a visão de um “completo o horizonte do outro indivíduo sem perder a originalidade deste” (BAKHTIN, 2011, p.23). Assim, o olhar do eu sobre o outro e do outro sobre o eu requerem um movimento de colocar-se no lugar do outro, ver o mundo sob o prisma do outro, voltar a seu próprio lugar e completar o horizonte do outro, processo fundamental na interação, pois o eu pode completar o enunciado do outro e encaminhar o acabamento conclusivo desse enunciado.

O papel do outro também assume valor especial na teoria de Vygotsky porque se relaciona aos processos de aprendizagem e desenvolvimento e às interações que permitem o estabelecimento da zona de desenvolvimento proximal (ZPD), como veremos na próxima seção.

VYGOTSKY: O PAPEL DO OUTRO NA CRIAÇÃO DA ZPD

Vygotsky, em sua teoria psicológica histórico-cultural, procurou compreender os processos de aprendizagem e desenvolvimento com foco na sociabilidade do homem, na interação social, na cultura e na história. A compreensão de como a aprendizagem ocorre na perspectiva vygotskyana implica o reconhecimento do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD, do inglês *zone of proximal development*) (VYGOTSKY, 1991; 2001), definido como

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1991, p.58),

e que pode “[...] determinar os futuros passos da criança ou a dinâmica de seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação” (VYGOTSKY, 1991, p.113). O cerne desse processo está na interação e no papel do outro na internalização do conhecimento.

Na compreensão do conceito de ZPD, o papel do outro tem grande importância, as ações dos indivíduos são motivadas e produzidas a partir das ações dos outros, pois os envolvidos agem colaborativamente na negociação e na produção de significados que pressupõem novas organizações e não apenas a aquisição de conteúdos individuais.

O outro assume importante papel na constituição dos sujeitos que podem transformar-se nas relações mantidas em situações sócio-historicamente determinadas. De acordo com Magalhães e Oliveira (2011), a constituição do sujeito ocorre no processo interativo, de forma mútua. Os autores afirmam ainda que dialogismo e alteridade também são questões centrais para Vygotsky na busca pela compreensão da consciência humana, nas relações estabelecidas entre eu e outro(s), no contexto sócio-histórico-político dos sujeitos. E continuam, mostrando que as ideias de dialogismo e alteridade encontram-se no conceito de ZPD formulado por Vygotsky, na medida em que esse pode ser entendido

[...] como uma noção descritiva de processos inter-intra-extra psicológicos, característicos da produção de sentidos, na e pela linguagem; um movimento de organização de linguagem nas relações interpessoais que criam contextos para aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, a ZPD deve ser entendida como espaço de colaboração e criticidade em que as mediações sociais são pré-requisito e produto, instrumento e resultado de transformação da realidade. (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011, p.107-108).

Como notamos, o conceito de ZPD traz em si a relação do sujeito com o outro, num processo em que o conhecimento é construído por meio de vínculos entre ambos. A alteridade é fator necessário para a compreensão do ensino-aprendizagem e desenvolvimento, de modo que “[...] a alteridade bakhtiniana funda-se nas vozes que se entrelaçam no diálogo, enquanto para Vygotsky o diálogo se estabelece na ZPD como forma de reorganização produtiva da atividade criativa” (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011, p.109).

Com base nesses conceitos, procuramos situar os processos envolvidos na elaboração de sentidos na atividade de leitura.

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS NOS PROCESSOS DE LEITURA

Para pensar a questão da leitura, tomamos como ponto de partida o conceito de sentido e significado para relacioná-los ao dialogismo e à alteridade e à responsividade no processo de compreensão de textos.

Tomamos como base Liberali (2009) para conceituar sentido e significado.² Segundo a autora, tanto para Bakhtin quanto para Vygotsky, o termo *significado* refere-se aos aspectos gerais estabelecidos socialmente por uma palavra e seria uma produção social convencional por meio da qual as pessoas apropriam-se das produções de gerações anteriores. O significado possui natureza relativamente estável e pode ser visto como um processo produzido continuamente pela sociedade em sistemas de ações muitas vezes cristalizadas, por exemplo, nas definições encontradas em um dicionário. O *sentido*, por sua vez, na perspectiva vygotksyana, é visto “[...] como um aspecto da consciência, que pode ser o caminho pelo qual significados que são historicamente estabelecidos são interiorizados e exteriorizados por cada indivíduo” (LIBERALI, 2009, p.105). O sentido é construído por meio das experiências sociais individuais e das interações, portanto, são moldados pela cultura e correspondem a interesses de grupo. Com base em Leontiev, a pesquisadora afirma que, a partir de uma perspectiva histórica, o sentido revela-se como forma particular da realidade do sujeito e, numa sociedade de classes, não corresponde ao significado.

Como já apresentado inicialmente, o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva: “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011, p.274). Portanto, a comunicação discursiva acontece por meio dos enunciados em um processo complexo e dinâmico, no qual o significado não é produzido somente por um dos membros da interação verbal. Ao contrário, o ouvinte/leitor tem um papel importante ao compreender o significado linguístico do discurso, pois mantém uma posição responsiva em relação ao que ouve ou lê, posição que pode ser expressa pela concordância, discordância ou outra reação, seja imediata, seja de efeito retardado.

O próprio falante/autor mantém uma atitude responsiva: ele não espera a compreensão passiva, mas sim uma resposta, na forma de concordância, participação ou objeção. Além disso, ele é também um respondente, já que não é o primeiro falante,

2. De acordo com Liberali (2009), a palavra *smysl* é usada como sentido quando se referindo a Vygotsky e como tema quando se referindo a Bakhtin.

uma vez que emprega enunciados antecedentes. Conforme já apresentado, o outro tem papel ativo na comunicação discursiva e nos limites do enunciado concreto que se definem pela alternância dos sujeitos: o locutor finaliza seu enunciado para dar a palavra ao outro ou para dar lugar a sua compreensão responsiva. As réplicas, ou seja, a alternância dos sujeitos no discurso em que se alternam as enunciações entre os interlocutores, são interligadas e dependentes das relações de cada enunciação, possuem certa conclusibilidade porque expressam uma posição do falante que “suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva” (BAKHTIN, 2011, p. 275).

Nessa direção, podemos afirmar que o enunciado é repleto de atitudes responsivas em relação a outros, com variado grau de reassimilação dos enunciados que respondemos ou polemizamos, conforme bem explicita Bakhtin:

[...] todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são diferentes entre si, nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros [...]. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...]: ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2011, p. 296-297).

Vimos que, por meio dos conceitos de dialogismo e alteridade, as palavras entram em nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias e mantêm ecos dessas enunciações. Como aponta Bakhtin (2011), a palavra pode ser analisada sob três aspectos: como palavra neutra, como palavra alheia e como palavra própria, empregada pelo falante, em determinadas situações. O enunciado está ligado aos elos precedentes e subsequentes da comunicação discursiva, isto é, constrói-se considerando as atitudes responsivas do outro para quem o enunciado é criado. O outro não é um ouvinte/leitor passivo, mas um participante ativo do qual o falante espera uma resposta, uma compreensão responsiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nessas discussões e apoiados nos preceitos teóricos Bakhtin e Vygotsky, salientamos que a produção de sentidos na leitura está atrelada aos conceitos de dialogismo e alteridade e responsividade. Dialogismo e alteridade fazem-se presentes no momento da produção do texto escrito: quando o autor escreve, leva em consideração o papel social do outro, a voz precedente do outro ecoa no enunciado do autor e na recepção do enunciado, uma vez que o ouvinte/leitor é um participante ativo na comunicação discursiva. Assim, o caráter dialógico e responsivo do enunciado influencia o processo de produção de sentidos na medida em que o autor utiliza palavras alheias e antecedentes às suas e antecipa a resposta do leitor. Assim, a relação entre texto e leitor é dialógica, o leitor resgata os sentidos já produzidos, estabelece com eles inúmeras relações e modela respostas antecipadas. Falamos de um leitor real, cujas experiências não são desprezadas na produção de sentidos durante a leitura. Nessa perspectiva, não há significado estável, fechado sob o próprio texto, mas há produção de sentidos que se baseiam na relação entre texto e contexto (SHEPHERD, 1989). Além disso, se cada enunciado é um elo na comunicação discursiva, conseqüentemente, em cada leitura realizada o sujeito produzirá uma resposta que dará origem a um novo elo, isto é, a um novo enunciado e sentido.

Portanto, a produção de sentidos na leitura arquiteta-se sobre três pilares: os sentidos já existentes, já ditos e conhecidos pelo leitor por meio do dialogismo; os sentidos que serão produzidos, definidos pela posição responsiva; e os sentidos oriundos do contexto. Nessa direção, Horikawa (2006) salienta que Vygotsky e Bakhtin/Voloshinov destacam o contexto para o processo de produção de sentidos: o primeiro afirma que essa produção acontece por meio da participação do sujeito nas atividades cultural e historicamente constituídas, tendo a linguagem como instrumento fundamental de mediação; Bakhtin/Voloshinov enfatizam a dinâmica da interação em que os novos sentidos constituem-se.

Shepherd (1989), na busca dos apontamentos de Bakhtin sobre a leitura, afirma que o autor russo, embora não tenha se referido especificamente ao processo de leitura em seus conceitos, permite-nos compreender essa atividade como um processo de interação entre diferentes contextos, pontos de vista e linguagens sociais. Isso porque, para Bakhtin, o significado não se encerra no texto no momento de sua produção, já que o texto leva marcas de seu passado histórico e

caracteriza-se por ser passível de reconceitualização. A produção de significados é contextual, e os contextos não são livremente intercambiáveis, a leitura é baseada na relação dialógica entre *leitura-texto* e *texto-contexto*. Dessa forma, o sentido relaciona-se ao contexto imediato e sócio-histórico e, para o leitor, importa o meio social e histórico concreto em que ele opera. Assim, a leitura é uma atividade social marcada pela historicidade dos sujeitos, as vozes que os constituem e sua situação material de vida.

Nesse processo, em que o significado de um texto varia conforme o contexto de atuação dos leitores, que sempre trazem pressupostos sobre ele, a relação texto-leitor também é dialógica: os significados do texto são indissociáveis da compreensão ativa do leitor, e a compreensão, por sua vez, está intrinsecamente relacionada ao contexto específico. Em outras palavras, o ato dialógico de leitura rompe a aparente posição fixa de texto e leitor-comumente difundida nas escolas, a relação dialógica entre ambos não os antecede, pois só acontecerá no momento de recepção do texto. Bakhtin entende a compreensão ativa como constitutiva do dialogismo num processo caracterizado pela tensão causada pelas contradições sócio-históricas e pelo caráter dinâmico do discurso que não devem ser desprezados. Em consonância a esse posicionamento, Horikawa (2006) salienta que a leitura

[...] é dotada de uma historicidade que se coloca para o leitor e que, de maneira ou de outra, influencia o seu processo de constituição de sentidos. A leitura constitui-se, pois, a partir da composição entre elementos já dados culturalmente e os elementos que vão ganhando densidade à medida que o processo se realiza. (HORIKAWA, 2006, p.46).

Portanto, nossa visão de leitura vai além das propostas que privilegiam somente as palavras contidas no texto e ditas/escritas pelo autor. Engloba um processo de reconhecimento e entrecruzamento de vozes influenciadas pelo dialogismo, pelo contexto maior e imediato e pela historicidade dos sujeitos. Assim, segundo os preceitos dos estudiosos discutidos, o processo de produção de sentidos na leitura em nada se restringe às práticas monossemânticas cristalizadas nas escolas, mas envolve a participação dos sujeitos na reconstrução de ideias e de sentidos com os autores e com os futuros leitores.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (org). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994. p.1-10.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o discurso inconcluso. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (org). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994. p.11-27.
- FIGUEIREDO, L. I. B. *Gêneros discursivos/textuais e cidadania: um estudo comparativo entre os PCN e os Parâmetros em ação*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- HORIKAWA, A. Y. *Modos de ler em contexto de uma prática de leitura de formação continuada: uma prática enunciativa*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- JOBIM E SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003. p.77-94.
- LIBERALI, F. C. *Atividade social nas aulas de língua estrangeira*. São Paulo: Richmond, 2009.
- MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p.103-115, 2011.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. Tradução de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- SHEPHERD, D. Bakhtin and the reader. In: HIRSCHKOP, K.; SHEPHERD, D. *Bakhtin and cultural theory*. Manchester: Manchester University Press, 1989. p.91-108.
- SMOLKA, A. L. B. *A criança na fase inicial da escrita. A alfabetização como processo discursivo*. São Paulo; Campinas: Cortez; Unicamp, 2008.
- VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001.

Recebido em 16 de fevereiro de 2014 e aprovado em 11 de março de 2014.